

# Mercado de bens de capital demonstra estagnação

*Retomada será mais lenta nos setores que dependem de grandes investimentos*

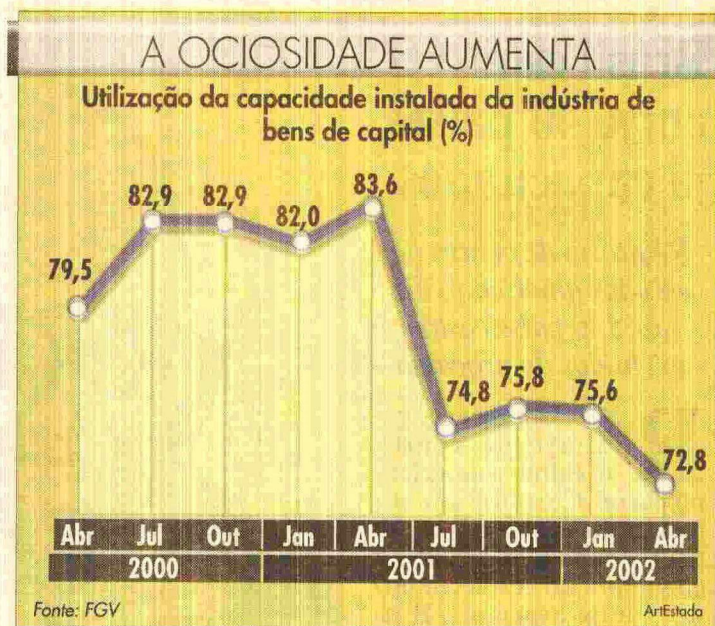
MARCELO REHDER  
e MÁRCIA DE CHIARA

**S**etores que dependem diretamente de novos investimentos na economia ou têm seu desempenho ligado ao mercado internacional deverão demorar mais para deslanchar. Entre eles, estão os bens de capital, o segmento de energia elétrica, papel e celulose, entre outros.

De acordo com o economista Celso Toledo, da consultoria MCM, a atual disparidade no ritmo de retomada entre os diversos setores é normal quando a economia está em processo de recuperação. "Esse movimento está sendo mais lento do que o esperado, já que o Banco Central está sendo cauteloso demais na redução das taxas de juros", avalia o economista.

O setor de bens de capital, que tradicionalmente é o último a reagir quando a economia volta a crescer, ainda exhibe sinais de estagnação. A Sonda-  
gem Conjuntural da Fundação Getúlio Vargas (FGV) mostra que o nível médio de utilização da capacidade instalada do setor estava em 72,8% no mês passado. Há um ano, esse indicador estava em 83,6%. Trata-se do nível mais baixo desde abril de 1999.

"A retomada no segmento de bens de capital é lenta. Já há indústrias pensando em investir, o que sinaliza que o início dessa recuperação deverá ter impacto na produção de bens de capital no segundo se-



mestre", observa a economista da Consultoria Tendências Fabiana Fantoni.

**Banho-maria** – De acordo com Fabiana, a crise da Argentina teve influência na desaceleração dos bens de capital. O país vizinho era o segundo maior importador de máquinas e equipamentos fabricados aqui. No primeiro trimestre deste ano, as exportações brasileiras de máquinas e equipamentos caíram 9%, em boa parte por causa da Argentina.

O ritmo de recuperação do setor de energia elétrica também está em banho-maria. As indefinições quanto à regulamentação e a crise internacional que afeta as empresas com filiais no Brasil estão adiando

os investimentos. Além disso, observa o economista Armando Franco, também da Tendências, a rentabilidade das empresas foi influenciada no primeiro trimestre pelos dois meses de racionamento. "O cenário é bastante confuso", diz ele. No entanto, o economista pondera

que o setor deverá reagir, acompanhando o aumento da produção nas empresas. Os dados mostram que o consumo de energia elétrica ainda é baixo.

No setor de papel e celulose, as cotações internacionais do produto já apresentam uma ligeira reação. Segundo Amaryllis Romano, da Tendências, esse movimento reflete o ajuste nos volumes de produção e a ainda tímida retomada da demanda internacional.

**C**ENÁRIO  
AINDA É  
BASTANTE  
CONFUSO